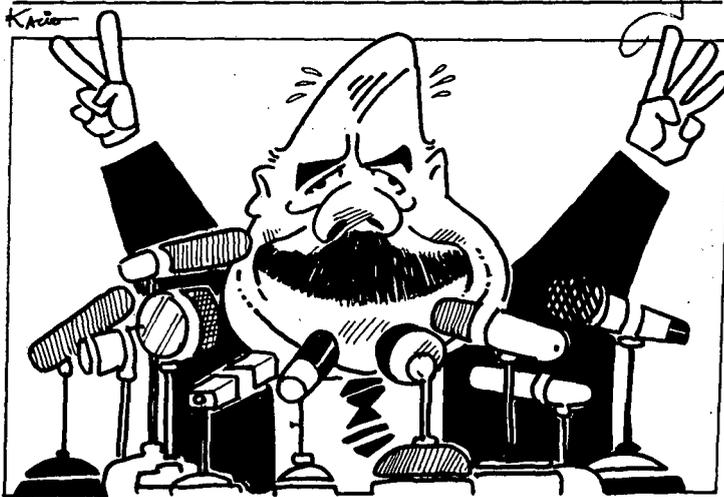


A recente entrevista coletiva que o presidente José Sarney concedeu à imprensa e que teve a melhor repercussão está dentro da boa tradição democrática, pois revela a transparência presidencial, ajudando os jornalistas a compreenderem melhor a função do governante e as dificuldades com que se defronta um Chefe de Governo, que é, ao mesmo tempo, um Chefe de Estado no regime presidencialista. Se esse governante enfrenta uma época de crise política, econômica, financeira e social, como é o caso brasileiro atual, torna-se ainda mais nítido o desafio à sua capacidade e sua ação de estadista.

Ao caracterizar as entrevistas coletivas presidenciais como tradicionais, dentro de um sistema democrático de governo, vem-me à mente o exemplo do presidente americano Franklin Roosevelt, o verdadeiro iniciador dessas entrevistas, em que, sem tema previamente estabelecido, mantinha diálogos permanentes com a imprensa de seu país. Grande parte delas foi publicada em doze volumes. The Public Papers of Franklin D. Roosevelt revelam o extraordinário condutor do New Deal e o líder do mundo livre em sua luta contra as ditaduras fascistas. Foi nessa época que ficou conhecida a expressão *off the record*, quando Roosevelt, não podendo revelar segredos de Estado que poderiam prejudicar a atividade bélica dos aliados, evitava revelá-los ou, se os revelava, usava aquela expressão, para não prejudicar o desenvolvimento da luta bélica e

ALUIZIO NAPOLEÃO

Sarney



os planos estratégicos até a rendição do inimigo. Outra expressão, *No comment*, atribuída na época ao Subsecretário de Estado, Sumner Welles, serviu ao presidente Roosevelt e ao Primeiro-Ministro inglês Winston Churchill para cortar, sem rebuços, a divulgação de segredos ou de situações prejudiciais durante a Segunda Guerra Mundial. Roosevelt, porém, além das entrevistas coletivas à imprensa, usou os Fireside Chats através do rádio para se comunicar diretamente com os americanos, como hoje faz o presidente Sarney, ao falar diretamente às brasileiras e aos brasileiros nas suas Conversas ao pé do rádio. Roosevelt, porém, tanto quanto posso me recordar de minha permanência nos Estados Unidos da América, de 1943 a 1949, não alcançou o extraordinário meio de comunicação que é a televisão, só podendo os espectadores vê-lo através das ses-

sões cinematográficas, quando encantava seus ouvintes com sua presença fotogênica e a envolvimento de sua oratória espontânea, usando com naturalidade sua voz cativante. Uma de suas últimas apresentações pelo rádio comoveu os americanos, quando, pela primeira vez, pediu permissão para falar sentado, dada sua condição de paralisia das pernas.

Somente o presidente Herry Truman iria inaugurar a televisão, dirigindo-se diretamente ao público.

As entrevistas do Presidente Roosevelt deram nova vida à política americana, por enfrentar, como acentuei, os jornalistas, em espontâneas e inesperadas perguntas e respostas. Mais tarde, o presidente da França, Charles de Gaulle, iria conceder entrevistas de alto teor cultural e político no Palácio do Eliseu, mas com as perguntas conhecidas de antemão, o que as tornavam

belas lições de estatismo, mas que não tinham a espontaneidade dos diálogos rooseveltianos com a imprensa na Casa Branca.

Por todas essas razões, a palavra espontânea e calorosa de um Presidente, como a que usou o presidente Sarney em duas entrevistas coletivas, demonstrou que não somente ele ganhou, como também, a imprensa, por consequência o povo, significando, ao mesmo tempo, que está senhor dos assuntos governamentais, procurando resolvê-los dentro das dificuldades do momento e sobrepondo-se, dessa maneira, às críticas e aos ataques pela franqueza e coragem das afirmações, com a vantagem de ser um intelectual e um experimentado parlamentar, que usa com facilidade a palavra, transmitindo com clareza e eloquência o seu pensamento, e voltando, assim, nesta época de síndrome que estamos vivendo, ao centro do palco político, sem deixar de infundir otimismo, animando o povo em momento de crise, como se espera de um homem de Estado, que não deve transmitir esmorecimento e desânimo.

Não deve ser esquecido o precedente brasileiro do presidente Juscelino Kubitschek, que tanto sucesso teve com suas entrevistas de rara naturalidade, das quais jorravam idéias e fatos, números e estatísticas, com tal espontaneidade e convicção, ao expor sua obra governamental, que despertou a frase famosa do Deputado Pinheiro Chagas, ao chamá-lo de contemporâneo do futuro.